

À PROPOSITO DE UMA FÁBULA DE FEDRO (I,1)

Mauro Quintino de Almeida

Fedro (1), nascido na Trácia (2), mas de alma e educação romana (3), de tal modo a sentir-se campeão literário do mundo latino opondo-se ao mundo grego (4), é escravo liberto de Augusto (4). Deixou-nos cinco livros de fábulas, gênero literário, ao que parece, bem do gosto dos romanos (6). Fazendo parte de uma classe social de indivíduos, a dos libertos (7), que não tinham conseguido ainda os privilégios que conseguiram durante o reinado de Cláudio (41 a 44 d.C.)

(1). — Em grego era conhecido por φαίδρος. Corresponde em latim a *Phaedrus* ou, talvez mesmo, a *Phaeder*.

(2) — Provavelmente na colônia romana de *Philippi*. Assim se explica a preferência que mostra pela língua latina (*Fabulae*, Lib. II, *Auctor*, vv. 8-9). Sobre a Trácia e provável cidade natal de Fedro, ver as alusões em *Fab.*, Lib. II, *Epilogus*, vv. 31-32 e Lib. III, *Prologus*, v. 17. O poeta se refere neste último verso à *Pieria* (ωιεβία) Ora, é precisamente aqui que ficava incrustada a colônia romana de *Philippi*, considerada pertencente à Trácia, mas na realidade dependente da província romana da *Macedônia*. Daí, poder concluir-se que ele teve o latim como língua materna.

(3) — A própria língua materna, o latim, já se encarregaria de dar-lhe um feitio romano, moldando-lhe a personalidade. O fabulista deixa entrever ainda que recebeu uma educação romana mais expressiva (*Fab.*, Lib. III, *Epilogus*, vv. 33-34).

(4). — *Fab.*, Lib. II, *Epilogus*, vv. 8-9:

Quod si labori faverit Latium meo,
Plures habebit, quos opponat Graeciae.

(Se os romanos derem acolhida ao meu trabalho,
Terão um maior número de escritores para opor à Grécia).

(5). — Depois da alforria o nome completo do poeta deve ter sido: *C. (Gaius) Iulius Phaedrus* ou *Phaeder*.

(6). — T. LIV., *Hist. Rom.*, II, 32.

(7) — Cf. — CORREIA A. & SCIASCIA G., *Manual de direito romano*, Rio (GB), Livros, Cadernos Ltda, s/d., p. 38-39 e 44-45.

(8), possivelmente sem muitos recursos (9), portanto sem posição social, não deve ter vivido Fedro sempre, sobretudo depois da morte de Augusto (14 d.C.), num mar de rosas. Com efeito, nas suas fábulas deixa transparecer, aqui e ali, problemas não somente de ordem econômica como ainda, e sobretudo, de ordem política. Realmente, as preocupações, que demonstra em vários dos seus apólogos (10) no tocante à justiça e à prepotência de governantes, no-lo fazem crer em diálogo constante com a própria consciência a respeito de um problema tão grave naqueles tempos de após-república. Só assim compreendemos e explicamos a insistência e perspicácia com que trata esse assunto através dos seus senários.

Na verdade, Roma nesse momento estava sob um regime de poder absoluto, que muitas vezes se tornou até tirânico. Quando não era o próprio príncipe o autor dos desmandos, era um favorito que o levava a atos abomináveis. Quando não era o favorito mesmo que, atribuindo-se poderes de imperador, perpetrava, por iniciativa própria, os crimes que o soberano, no final, aceitava calado. Isso acontecia precisamente durante o reinado de Tibério (14 a 37 d.C.), sucessor de Augusto (27 a.C. a 14 d.C.) E Sejano (11) fora o anjo mau que, de *praefectus praetorio*, (prefeito do pretório), passara, de um momento para outro, a conselheiro e ministro dos caprichos de toda a espécie do imperador. Tácito não poupa as suas palavras sobre essa personagem sombria e a sua influência tão maléfica sobre o príncipe que quase levou Roma ao caos da insegurança individual e da intranquilidade política (12).

Fedro também foi atingido pelas iras de Sejano, pois fora acusado pelos seus cuidados e por ele mesmo julgado (13). Por causa das

(8). — Tácito faz desse imperador um juguete nas mãos dos libertos. São eles, por exemplo, que se disputam para darem ao príncipe, depois do assassinato de Messalina, uma nova mulher e, ao mundo romano, uma imperatriz (*Annales*, XII, 1-3). Note-se a ironia do Historiador: *Caede Messalinae convulsa principis domus, orto apud libertos certamine, quis diligeret uxorem Claudio* (*Annales*, XII, 1,1) (Com a morte de Messalina ficou agitada a casa do príncipe, disputando-se os libertos entre si para ver quem haveria de escolher uma mulher para Cláudio.)

(9) — *Fab. Lib. III, Prologus*, v 21.

(10) — Cf., a título de exemplo, só no livro I: 1, 2, 3, 5, 6, 8, 10, 17, 28, 30.

(11). — O seu nome completo era *L. (Lucius) Aelius Seianus*.

(12). — TAC., *Annales*, IV, 1,1; V, 3,1; cf. esses mesmos livros *passim*. A sua influência junto ao Tibério durou dezessete anos. Foi descoberto que tramava contra o imperador. Este, tomado de medo, mandou executá-lo em 31 d.C.

(13) — *Fab.*, Lib. II, *Epilogus*, vv. 17-18:

Quodsi accusator alius Seiano foret, ..
Si testis alius, iudex alius denique.

alusões que faz o fabulista à atuação do prefeito do pretório em seu desfavor, costuma-se admitir que o apólogo *Lupus et Agnus* (*O lobo e o cordeiro*) que abre o primeiro livro do *corpus* desse Autor, tenha como destinatário o favorito de Tibério e não o próprio imperador. Mas a busca de um destinatário certo para essa fábula não é o que precisamente nos chama a atenção. Pelo contrário, cremos de maior interesse a intenção por que foi escrita. Essa está exarada na sua moral:

Haec própter illos scrípta est homines fábula,
Qui fíctis causis ínnocentes ópprimunt (vv 14-15)
(*Esta fábula foi escrita por causa daqueles homens*
Que, através de processos simulados, oprimem
os que são incapazes de prejudicar a outrem.)

É a crítica da prepotência, pois. Parece-nos então tentador examinar os recursos de que usou, para apresentá-la, Fedro, que tanto quer passar por um escritor artista (14). Primeiramente, porém, a fábula e uma proposta de tradução.

[LUPUS ET AGNUS] (15)

Ad rívum eundem lúpus et agnus vénerant
Sítí compulsi; súpior stabát lupus
Longéque inferior ágnus. Tunc fauce ímprobã
Latro íncitatus iúrgii causam íntulit.
— “Cur” ínquit “turbuléntam fecistí mihi 5
Aquám bibenti?” Lániger contrá timens:
— “Qui póssum, quaeso, fácere quod quererís, lupe?
A té decurrit ád meos haustús liquor”
Repúlsus ille véritatis víribus:
— “Ante hós sex mále” ait “dixistí mihi” (10)
Respóndit agnus: “Équidem natus nón eram”
— “Pater hércle tuus” ille ínquit “maledixít mihi”
Atque íta correptum lácerat, iniustá nece.
Haec própter illos scrípta est homines fábula
Qui fíctis causis ínnocentes ópprimunt. 15

(*Se eu tivesse [tido] um outro acusador que não Sejano,*
Se uma outra testemunha, [se] um outro juiz [tivesse eu tido]
enfim...)

(14). — *Fab.*, Lib. II, *Epilogus*, vv 8-9 (cf. nota 4 aqui acima).

(15) — Seguimos a lição de Louis HAVET tal como se encontra em:
Phaedri Augusti liberti fabulae Aesopiae, Paris, Hachette, 1895.

O lobo e o cordeiro (15 A)

Ao mesmo regato o lobo e o cordeiro vieram
Compelidos pela sede: bem acima estava de pé o lobo,
E muito mais abaixo, o cordeiro. Então pela [sua] goela desonesta
Incitado, o ladrão procurou um pretexto de litígio.
Disse: — “Por que me turvaste a água a mim 5
Que estive bebendo?” O lanzudinho, mostrando-se cheio de temor,
em resposta,
[Disse] — “Como posso, por favor te peço, fazer o de que te
queixas, ó lobo?
A partir de ti, de cima para baixo, é que escorre para os meus
sorvos, a água límpida”
Repelido aquele, já conhecido, pela força da verdade,
Disse: — “Antes destes [últimos] seis meses dis-ses-te mal. de
.mim”
Respondeu o cordeiro: — “Eu? palavra de honra que não era
nascido”
Disse ele: — “O teu pai — ó Hercules! — disse mal de mim”
E, sem mais discutir, agarra o cordeiro violentamente, sem deixar-
lhe a possibilidade de escapar e dilacera-o, dando-lhe
uma morte violenta e ilegal.
Esta fábula foi escrita por causa daqueles homens
Que, através de processos simulados, oprimem os
que são incapazes de prejudicar a outrem. 15

Depois, a mensagem, ou melhor, a tentativa de examinar os recursos formais adotados por Fedro para realçar o problema da prepotência. Com esse fito procedamos por partes. Com efeito, sem falar da moral (vv 14-15), podemos dividir essa fábula em três segmentos: I — *o cenário*: de *Ad rivum eundem*. até *inferior agnus* (vv. 1-3); II — *a querela*: de *Tunc fauce improba*. até *maledixit mihi* (vv. 3-12); e III — *o julgamento*: de *Atque ita*. até *iniusta .nece* (v 13). I — *O cenário*: *Ad rivum eundem*. *inferior agnus* (vv. 1-3).

*

A intenção de Fedro de satirizar a prepotência dos fortes sobre os fracos está exposta na moral (vv. 14-15). Essa preocupação se delineia já nessa primeira parte e desde o primeiro verso da fábula onde aparecem as duas personagens *lupus* e *agnus* (*o lobo e o cordeiro*). O alinhamento desses dois animais tal como está aqui parece-nos significativo. Cremos até que poderia constituir o título original do

(15A) — As palavras entre parênteses não aparecem no original.

apólogo, caso Fedro lhe tivesse dado algum. A posição de destaque, em primeiro lugar, dada ao *lupus (lobo)* sugere o problema que se propõe tratar o Autor. Com efeito, em outras fábulas, essa personagem se presta a desempenhar papel semelhante (16). Nunca aparece ao lado do *leo (leão)* que é o símbolo da força, digamos assim, reconhecida. Ao contrário, porém, por perto dele estão sempre ovelhas, cordeiros, contra quem mais à vontade pode exercer a sua prepotência mesquinha. Depois, em latim há outra palavra, além de *ovis (ovelha)*, para designar animal pertencente ao gado ovino: *aries (carneiro, “pai-de-chiqueiro”)*. Mas *aries*, com toda a conotação de força que tem não se prestava às intenções de Fedro. Realmente, uma personagem com os atributos do *aries* — carneiro, mais que isso, “pai-de-chiqueiro” — sugeriria, desde logo, uma autoconfiança contra que o *lupus (lobo)* deveria usar de argumentos mais convincentes do que os de que usou: se não mais polidos, pelo menos, entrecortados de pigarros! Demonstrariam esses, pelo menos, um pouco de receio em face do *aries* (17). O vocábulo *ovis (ovelha)* que não fica muito longe de *agnus (cordeiro)* do ponto de vista da carga conotativa, mas sem dúvida menos rico, foi abandonado em proveito do segundo. É que *agnus* melhor se presta à demonstração do proposto: a opressão contra os que são incapazes de prejudicar a outrem, os *innocentes*. (v 15).

Podia-se pensar, talvez, num problema ligado às exigências da métrica. Na verdade, Fedro escolheu a versificação da fala, empregada pelos comediógrafos. Essa correspondia mais ao seu assunto ligado a essa grande comédia humana, que é a vida, mesmo simbolizada através da vida dos animais (18). Das séries rítmicas próprias à métrica da comédia, o Autor preferiu o senário jâmbico (19) às demais, talvez pela própria versatilidade que ele apresenta através das possibili-

(16). — Vide em: I, 8; 10; 16; 17.

(17). — Não nos parece por acaso que a máquina de guerra, o *ariete*, tenha tomado a sua designação a partir do animal que esse vocábulo indica. Trata-se de uma das raras palavras latinas, que designam o macho de uma espécie (Cf. MARTIN, F., *Les mots latins* Paris, Hachette, 1941, p. 17.; ERNOUT, A. et MEILLET, A., *Dictionnaire étymologique de la langue latine* Paris, Klincksieck, 1959 p. 46, col. b, sub *verbete*). Para evitar de citar freqüentes vezes essas duas obras, permitimo-nos remeter a elas todas as vezes que discutirmos etimologias.

(18). — Estava nos planos de Fedro compor alegorias em que as árvores falariam também: *Calumniari si quis autem voluerit, / Quod arbores loquantur, non tantum ferae.* (*Se alguém, porém, quiser censurar que falem até as árvores e não somente os animais.* .) — *Fab.*, Lib. I, *Prologus*. A menos que a parte da obra em que as árvores tinham participação se tenha perdido.

(19). — Ele mesmo o diz no Prólogo do livro I, v. 2: *Hanc (materiam) ego polivi versibus senariis (Este assunto eu o castiguei usando de versos senários).*

dades de substituições condensadas ou não (20). Assim sendo, e partindo-se da escansão do v. 1, temos:

Ad ri| v (um) eun| dem" lupus| et ag| nus ve| nerant.

|O vocábulo *aries* se encaixaria aí sem problema algum de quebra do verso:

Ad ri| v (um) eun| dem" lupus| et ari| es ve| nerant (21)

|Diga-se o mesmo da palavra *ovis*:

Ad ri| v (um) eun| dem" lupus| et ovis| tum ve| nerant.

Estaríamos ainda dentro das possibilidades do estilo de Fedro. No entanto, nem *aries* nem mesmo *ovis* foram vocábulos escolhidos: não lhe pareceram bastante suficientes para dar plenitude à sua mensagem ligada à prepotência dos mais fortes.

Assim também se explicaria a posição de destaque dada à palavra *lupus* no verso — e no título, caso fosse dele — colocando-a antes de *agnus*. Com efeito, a ordem poderia ser invertida sem causar também nenhum transtorno à métrica:

Ad ri| v (um) eun| d (em)" ol (im) ag| nus et| lupus ve| nerant (21).

Ainda estaríamos dentro das possibilidades do estilo do Autor (22). Fizemos essas considerações para tentar mostrar que tanto a escolha do vocábulo *agnus* por Fedro como a colocação dele em segundo plano com referência a *lupus* tiveram intuito definido. Quis ele pôr convenientemente em evidência, desde o início da fábula, através da antítese *lupus / agnus*, a idéia geral que vai ser o fio condutor do apólogo: *prepotência / inocuidade*.

(20) — Com efeito, o pé jâmbico \cup — admite a substituição normal: $\cup \cup \cup$ (tríbaco) e a substituição condensada: — — (espondeu) Esta por sua vez pode ser substituída por pés que lhe equivalham: — $\cup \cup$ (dátilo), $\cup \cup$ — (anapéstico) e $\cup \cup \cup \cup$ (proceleusmático).

(21) — O nom. *aries* em vez de *aries* encontra-se em VIRG., *Buc.*, 3, 95; *Georg.*, III, 446 (apud GAFFIOT Félix, *Dictionnaire illustré latin-français*, Paris, Hachette, 1934, p. 162, col. a).

(21 bis) — Explica-se a sílaba breve —*pus* (+) ou porque o “u” não teria contado para o alongamento por posição, caso nele se pensasse — o que é, aliás, muito raro — ou, melhor, em razão da evanescência do “S”, licença tão freqüente na versificação da fala.

(22). — Apenas a censura que, de modo geral, é pentemímera, poderia suscitar, à primeira vista, algum problema. No entanto, nada impede que continue sendo pentemímera mas antes-da-elisão feita, depois, portanto, de *eundem*. Virgílio dela usa na *Eneida*, logo no início do poema:

Litora| multum il| le" et ter| ris iac| tatus et| alto (*Aen.*, I, 3)

([o herói... veio] ao litoral de Lavínio, atirado durante muito tempo por terras e mares.)

Mas esse *cenário* nos fornece ainda uns poucos elementos a mais. Antes de tudo, a tranqüilidade de um sabor todo pastoril (v. 1). Creemos que para isso contribua a presença da palavra *rivum* (*regato*) com toda a cadeia de imagens que sugere como barulho de cascatinhas, águas a correr por entre pedras, borrifos, borbulhas, rápido formar-se e desfazer-se de espumas. Todas essas imagens que nem o vocábulo *flumen* (*rio*) nem *amnis* (*rio rápido com forte corrente*) embora a métrica o permitisse poderiam traduzir

E diga-se de passagem que tanto *flumen*:

Ol (im)	}	ad i dem flu men” lupus et ag nus ve nerant (23).
Quon (dam)	}	(24).

como *amnis*:

Ad am|n (em) eun| dem” lupus|| et g| nus ve| nerant —

se enquadrariam num senário jâmbico à maneira de Fedro, mas não lhe dariam o colorido que dá *rivum* (25).

Além da carga conotativa desse vocábulo, vem enriquecer, parece-nos, a paisagem bucólica a seqüência nesse verso do fonema “u” a par de fonemas mais abertos como “a” e “e” sugerindo o ondear da água. GRAMMONT, no seu tratado (26) deixou definida a importância da fonética impressiva. Com efeito, elementos fônicos, de que se compõem todas as línguas, semanticamente inertes, podem, em determinadas circunstâncias, se revestirem de significação. As onomatopéias são ricos exemplos desse processo. Mas, noutras palavras também, esses elementos fônicos carregam-se semanticamente de tal modo a contribuírem para pôr em realce certos valores de interesse estético. Louis MICHEL, estudando, num trabalho mais recente (27), apenas

(23). — Fedro não observa sempre o princípio de que nos pés pares do senário deve aparecer o pé jâmbico puro. Apenas a título de exemplo, cf. nessa fábula os versos: 2, 3, 4, 7, 9, 10, 11, 13, 14 e 15.

(24) — Tanto *quodam* (= certa vez) como *olim* (= certa vez) pertencem ao vocabulário do fabulista cf. livro I, 24, 2 e III, 17, 1.

(25) — Apenas a título de curiosidade sobre *rivus* cf. LUCR., V, 1256: “regato de prata e ouro”; VIRG., *En*, XI, 668: “regato de sangue”; OVID., *Met.*, IX, 655: “regato de lágrimas” (*Apud GAFFIOT, op. cit.*, p. 1366, col. a).

(26) — GRAMMONT Maurice, *Traité de phonétique*, 6ème éd., Paris, Delagrave, 1960, p. 377 sq.

(27) — MICHEL Louis, *Étude du son “S” en latin et en roman. Des origines aux langues romanes. De la phonétique au style*, Paris, P.U.F., 1953 A 1ª edição do *Traité* de GRAMMONT é de 1933.

o fonema “S”, encontrou-lhe vários ofícios. Entre esses a capacidade para sugerir a dor, a tristeza, a cólera, o amor, a volúpia, a ironia, a doçura, a tranqüilidade e tantos outros estados do espírito. Pareceu-nos que, no verso em apreço, a fonética impressiva desempenhava também algum papel: o de acentuar a tranqüilidade dessa paisagem campestre que a prepotência viria logo mais estragar. Por isso a ela nos referimos.

O cenário se completa ainda com mais alguns elementos que naturalmente encarecem os fins que nesse apólogo se propõe o fabulista. Tais elementos localizam as duas personagens ora no plano do reino animal, ora no lugar temporal, ora no lugar espacial. Primeiramente, trata-se de dois seres iguais perante a vida, ambos dependentes das servidões impostas pela mãe-natureza: *siti compulsi* (*compelidos pela sede*). É o provérbio que nos abre essa pista. Depois o verbo *venerant* (*tinham vindo*) nos põe diante de um cenário que, estranhamente, parece existir já há alguns bons minutos, suficientes para a premeditação, pelo menos, do ato final que vamos encontrar no v. 13: a destruição do cordeiro. Tem-se a impressão dessas voltas-ao-passado em filmes tão a gosto de alguns cineastas. Enfim a localização no espaço: *superior stabat lupus / Longeque inferior agnus* (*bem acima estava de pé o lobo / e muito mais abaixo, o cordeiro*). O quadro é perfeito, digno de Grandville (28). *Superior longe inferior*: o lobo mais próximo da nascente, o cordeiro muito longe do lobo, quase a perder de vista, dir-se-ia. A elipse do verbo *stabat* no v. 3 é que sugere essa interpretação. Estamos diante de uma como precaução de detetive. Mais do que preparar, completa assim Fedro o *cenário* para o desenrolar da ação do apólogo. Põe, sem dúvida, em relevo que, na posição em que se encontram, não deveria haver razão para litígio. Mas realça já também, pela posição das personagens, um clima de tranqüilidade frágil, como se o *lupus* estivesse olhando, com o canto dos olhos e com maus olhos, o *agnus*. Mas não resta dúvida que é um belo quadro, cheio de elementos bucólicos, sugestivamente poéticos. É um quadro campestre à primeira vista calmo, mas na realidade anunciador de procela, que não está muito longe. Realmente, é nesse cenário que o lobo vai mostrar quanto é capaz em matéria de opressão contra quem é incapaz de prejudicar.

*

(28). — Trata-se do ilustrador, com célebres gravuras, das *Fables de La Fontaine*, Paris, 1868. (Há belas gravuras ilustrativas também nas edições: *Phaedri Augusti Liberti. ex codice Perottino*, Parisus, 1837 e *Fábulas de Fedro* traduzidas por Manuel de Moraes Soares, Lisboa, s/d.).

II — *A QUERELA*: — *Tunc fauce improbā maledixit mihi* (vv. 3-12)

Nessa segunda parte da fábula aparece, por assim dizer, a materialização da demonstração do que se propõe Fedro: a opressão pelos prepotentes dos que são incapazes de prejudicar. As diversas atitudes das personagens aqui assumidas, o seu modo de ser, a sua fala, quando não as metáforas, as qualificações de que se serve o Autor, tudo contribui ao mesmo tempo para caracterizar o lobo e o cordeiro e para pôr em realce a mensagem do apólogo.

Mas, antes de tudo, note-se que a transição entre o que precede e o que segue, é feita por um simples e, à primeira vista, inócuo *tunc* (*naquela ocasião*). No entanto, o apelativo *latro* (*ladrão*) que mais adiante é dado ao lobo (v 4), não o isenta de que essa não tenha sido uma ocasião por ele forjada. Com efeito, *latro* não indica também o ladrão que segue os indivíduos para atacá-los em lugar conveniente, disposto, portanto, a usar de violência? Depois, observe-se que houve alteração no *cenário*. É o verbo *fecisti* (*fizeste*) que o indica. O lobo movimenta-se donde está e aproxima-se do cordeiro. O verso 13, mais na frente, o confirma, possibilitando com facilidade o ataque do *agnus* pelo *lupus*. Assim, de um quadro bucólico, se não fora a presença impossível desses dois seres reciprocamente indesejáveis a estragá-lo, tem-se a impressão de passar-se a uma cena que mais se assemelha à de um julgamento.

Mas não se adiante nada por ora. Detenhamo-nos, por um pouco que seja, no exame das duas personagens que enchem esse cenário. Tal exame ajudar-nos-á, a melhor apreender a diferença de caráter, de posição, de comportamento do lobo e do cordeiro, figuras de atitudes humanas. Ser-nos-á também de auxílio para sublinhar os recursos de que se serviu Fedro para materializar de alguma forma as suas preocupações.

Começando pelo *lupus* (lobo), o Autor o caracteriza logo como *latro* (ladrão). Note-se, de passagem, a coincidência dos fonemas iniciais e da sua representação: um “L” serviria muito bem como abreviação das duas palavras. Mero acaso, talvez. Não se trata de um ladrão qualquer, camarada, amigo da noite e inimigo da violência, um *fur*, por exemplo. O *latro* premedita, vai seguindo a sua vítima, para só atacá-la em lugar conveniente. Aliás, a própria ovelha, noutras circunstâncias, já se encarrega de analisar-lhe a índole:

Rapere atque abire semper adsuevit lupus (29)

(Raptar com violência e escapar foi sempre o costume do lobo).

(29). — *Fab.*, I, 16, v, 5.

Então se entende a força de: *fauce impröbā / incitatus* (vv. 3-4). (*incitado pela goela desonesta*). *Improbis* sublinha um traço importante do caráter do lobo: aponta-o como alguém que pouco caso faz da moralidade do costume e tem em pouca conta os direitos dos outros contanto que os seus próprios desejos sejam satisfeitos. É uma atitude interna que, transferida para o plano humano, marcha em sentido oposto ao *honestum* (*a beleza moral*), porque despreza os *officia* (*os deveres*), as obrigações inerentes a um indivíduo nas relações sociais do dia a dia (30) e viola a justiça' "a senhora e rainha das virtudes" (31). E, tudo somado, o adjetivo *impröbis* sugere que estamos em presença de um hábito de praticar certos atos, produtos de uma consciência crassa.

O apelativo, ao contrário, usado para com o *agnus* (*cordeiro*) é todo outro: *laniger*. Esse vocábulo prende-se a *lana* (*lã*), querendo dizer, portanto, aquele que traz lã, o cheio de lã, o lanzudinho. Se, pela sua sílaba inicial "LA", alguém poderia ser levado a novo impacto com a palavra *LA*tro, tal impressão se desfaz de pronto a partir da segunda e, naturalmente, terceira sílaba. Toda a má impressão é anulada em proveito de uma soma de imagens que *laniger* sugere: brancura, brancura macia, maciez de lã, maciez que acaricia, carícia aconchegante, aconchego gostoso.

Outro pormenor acerca do *lupus* se depreende da sua fala: a arrogância e a vulgaridade. Note-se, por exemplo, que sempre provoca: *iurgii causam intulit* (*procurou um pretexto de litigio* (v. 4). Há semelhança entre essa frase e *bellum inferre* (*mover guerra a*), *signa ferre* (*mover-se contra o inimigo*). Fedro insiste na atitude do lobo em pôr em campo uma ocasião de contenda com intenção hostil, além de dar um clima, desde já, de uma cena de julgamento. É o vocábulo *iurgium* que permite essa influência, pois que *iurgiare*, que a ele se prende, significa precisamente "querelar-se", "disputar-se como os homens da justiça". Observe-se ainda que o lobo só acusa, mesmo quando pergunta: *cur* (v. 3) (*por que. .*) *ante hos sex menses*. (v. 10) (*antes destes [últimos] seis meses. .*), *Pater tuus*. (v. 12) (*o teu pai. .*). Nunca responde: *inquit* — duas vezes —, *ait* (*disse*). O seu egoísmo, além disso, é patente: três *mihi* (*a mim*) contra um *meos* (*meus*): ambos pronomes de primeira pessoa.

A arrogância provocadora e que parece tão bem protegida nessa personagem é acentuada ainda pela presença, na sua fala, de certos elementos fônicos:

(30). — CIC., *De officiis*, I, 4; III, 13-14. Quanto ao *honestum* cf. o *Paradoxon I*: aí Cícero o define como o bem supremo.

(31) — *Id. ibid.*, III, 28.

- 1º a presença da vibrante “R” em posição forte:
 - cuR, tuRbulentam (v. 5)
 - pateR, heRcle (v. 12);
- 2º em posição idêntica, oclusivas:
 - Cur, Turbulentam, feCisti, aQUam, biBenti
 - Pater, Tuus, maleDixit (v. 12); (v. 5-6).
- 3º elementos sibilantes:
 - feciSti (v. 5)
 - tuuS, malediXit (v. 12);
- 4º essas consoantes se apoiam, de modo geral, em vogais sombrias como “i” e “u”

Maurice GRAMMONT,, no seu *Traité*, na parte da obra já indicada sobre a fonética impressiva (32) já fizera alusão ao fato de os fonemas acima se prestarem a essas sugestões. Quanto ao valor do “S” além do “R”, sugerindo cólera e ódio, o Prof. Louis MICHEL já acentuara também sobre esse particular no seu livro já citado (33).

“souvent la colère, outre la vibrante “R”, se traduit par un souffle sifflant. Ce caractère se retrouve dans des textes où la colère menace éclate”

Enfim tudo concorre para realçar essa prepotência arrogante que tão bem o *lupus* encarna.

O *agnus* (*cordeiro*), por sua vez, oferece um grande contraste comparado ao *lupus* (lobo): ausência de arrogância e de vulgaridade. Com efeito, quanto à arrogância sobretudo, ao contrário do lobo, responde sempre: *contra* ([*disse*] em resposta) (v.6), *respondit* (*respondeu*) (v. 11). Não acusa, mas apresenta argumentos de difícil refutação porque fundamentados sobre a verdade (*veritatis viribus: pela força da verdade* (v.9)). No ocurto “diálogo”, pelo menos duas vezes, pode-se notar esse particular.

A te decurrit ad meos haustus liquor (v. 8).
(A partir de ti, de cima para baixo, escorre, para os meus sorvos, a água límpida)

É a resposta dada ao lobo à pretendida ação de turvamento da água pelo cordeiro. Na tradução tentou-se dar a mesma insistência de que usa Fedro em latim a fim de oferecer consistência à refutação do cor-

(32) — *op. cit.* p. 383-391.

(33). — *op. cit.*, p. 189 (§ 310).

deiro. Realmente, a preposição *a* marcando o afastamento, o preverbio *de* — indicando não só a separação como ainda o sentido “de cima para baixo”, a ordem da frase latina, sobretudo a palavra *liquor*, no fim, com o sentido de “água corrente e límpida” (34), tudo contribui para pôr em evidência a lucidez e justeza da resposta do *agnus*. No v. 11 está a outra refutação à saída dolosa para não dizer prepotente acerca da irreal data de nascimento do cordeiro:

Equidem natus non eram (v 11)
(*Eu? palavra de honra que não era nascido.*).

Equidem insiste sobre a primeira pessoa, pois se prende a *ego* + *quidem* (*eu realmente*), fazendo entrever que o cordeiro põe, por assim dizer, a honra dele contra a palavra do lobo. Respostas firmes é verdade, mas sem arrogância, deixando até pressentir, desde logo, a inutilidade da verdade perante a prepotência. É o participio *timens* (*mostrando-se cheio de temor*) do v. 6 que nos leva a assim conjecturar, pondo-nos em face desde então de um verdadeiro julgamento.

Mas há também algo mais que põe em evidência a não-arrogância e a não-vulgaridade do *agnus*: a sua fala. Realmente, às investidas do *lupus*, ele responde num tom cheio de mesuras:

Qui possum, quaeso, facere quod quereris, lupe? (V 7).
(*Como posso, por favor, fazer o de que te queixas, ó lobo?*).

Há nessa frase toda uma seqüência digna de um manual de boas maneiras, mesmo para bichos. Note-se:

1º) a atenuação da negação pela interrogação: *qui* (= *quomodo*) *possum*. .? *facere* (*de que modo posso fazer...?*) por *non possum*. *facere* (*não posso fazer*.).

2º) a atenuação da resposta pelo emprego do verbo modal *possum*: *possum facere* (*posso fazer*) por *facio* (*faço*) simplesmente, à maneira do lobo.

3º) a atenuação ainda mais da negação e da resposta pelo uso das duas expressões de cortesia: *quaeso* (*por favor te peço*) e o vocativo *lupe* (*ó lobo*)

(34). — LA FONTAINE reproduz a mesma idéia na sua fábula:
Un agneau se désaltérait
Dans le courant d'une onde pure. (*Fables*, Liv. I, 10, vv. 3-4).

São todos esses hábitos de língua que o adversário do *agnus* não tem. Eles revelam modos de ser, atitudes e predisposições internas, que são reflexos da “personalidade”

Ainda sobre a fala do cordeiro, a fonética impressiva, a que já fizemos alusão, poderia dar-nos sobre ela alguns elementos a mais. Esses lançariam mais luzes sobre o contraste que existe entre as duas personagens tão dessemelhantes de que nos estamos ocupando. Observe-se, por exemplo, que elementos fônicos idênticos aos encontrados na fala do *lupus* aparecem aqui revestidos de efeito estético diferente:

- 1º) a vibrante “R” em posição fraca:
 - faceRe, queReRis (v. 7)
 - eRam (v. 11).
- 2º) em posição idêntica, oclusivas:
 - faCere, luPe (v. 7).
 - hausTus, liQuor (v. 8)
- 3º) a presença de elementos fricativos:
 - poSSum, quaeSo, Facere, quereriS (v. 7).
 - meoS, hauStuS (v. 8)
 - natuS (v. 11)
- 4º) as vogais, de modo geral, não são sombrias ou, quando o são, apresentam-se atenuadas por nasais ou laterais:
 - pOssuM, quAEso, quErEris, Lupe (v. 7)
 - A tE, mEOs (v. 8).
 - EquidEm nAtus non ErAm (v. 11).

Os elementos fônicos acima apontados contribuem todos a exprimir sentimentos contrários aos indicados no caso do *lupus*. Ora é o temor como o particípio *timens* no v. 6 anuncia, ora a deferência que as expressões de cortesia põem em realce, já a queixa diante da injustiça flagrante, já a colocação em evidência do desmascaramento da acusação falsa.. Outra vez é GRAMMONT e Prof. MICHEL, nas suas obras acima citadas, que nos põem na pista dessa interpretação. Na verdade, tanto um como o outro vêem no “R” em posição fraca, nas nasais, nas vogais não sombrias, sobretudo quando servem de apoio a nasais e laterais, no “S”, essa série de sugestões de imagens acima anotadas (35). Prof. Louis MICHEL, falando do “S”, por exemplo, diz:

(35). — Cf. GRAMMONT, *op. cit.*, p. 383-387; p. 387-391

Les écrivains ont, souvent à partir des mots expressifs, réussi à créer une harmonie suggestive. du souci, de la plainte (36)

Assim, os elementos fônicos, semanticamente inertes (37), ativam-se e ajudam a realçar o caráter do cordeiro, opondo-o, na sua totalidade, ao do lobo.

O vocabulário também da fala do lobo ou que a ele se refere acentua, por sua vez, a sua vulgaridade. Veja-se, por exemplo:

- 1º) *faux*, de *faux* (por *fauces*), *goela*;
- 2º) *aquam*, *água*;
- 3º) *bibenti*, de *bibo*, *beber*.

À primeira vista nada de mais, pois se trata da fixação de realidades tão naturais e prosaicas. Mas é, precisamente, esse prosaísmo que choca examinando-se o vocabulário usado para descrever as mesmas realidades ligadas ao cordeiro:

- 1º) *haustus*, *sorvos*, de *haurio*, *sorver*;
- 2º) *liquor*, é sinônimo de água certamente mas com todas as suas imagens poeticamente sugestivas, ligadas à fluidez, à limpeza e à clareza, que a palavra lembra, sobretudo se considerada no contexto da própria fábula.

Enfim o *lupus* é apresentado com traços assaz fortes que combinam bem com o modo de ser do prepotente. Só haveria ainda a acrescentar-lhe, como última pincelada a contrapô-lo ao *agnus*, a peca de mentiroso, que tal se mostra o lobo perante os argumentos irrefutáveis do cordeiro. Primeiramente, a tmeze do v. 10 depois da resposta límpida e irrefutável deste último apoiada na verdade (v.9), sugere bem um gaguejo. querendo esconder mentiras:

Ante hos sex menses *male*, ait, *dixisti* mihi (v. 10).
(Antes destes [últimos] seis meses *dis-ses-te*. mal... de. *mim*).

O próprio número *sex* (*seis*), pelo contexto, parece ser uma conta de mentiroso, achado assim, como saída impossível, perante o absurdo (38). Vai até mais além: usa o lobo de falso testemunho com a in-

(36). — *Op. cit.*, p. 187 (§ 309).

(37). — GRAMMONT, *op. cit.*, p. 377.

(38). — Note-se que o número 6 (seis) faz parte de um sistema com base 12 que os romanos também conheceram. Esse existiu, sem dúvida, antes

tensão dolosa de encobrir a verdade, quando por ela acossado. É o que indica a invocação do v. 12, chamando Hércules em seu auxílio. Com efeito, *hercle* — que no v. 12 está por *Hercules me iuvet* (*Hércules venha em meu auxílio*) — é, sem contestação, um falso testemunho. É também um argumento de prepotente, suficiente, segundo o código de valores do *lupus*, para pôr fim à querela e proceder ele ao julgamento final do *agnus*. a seu modo.

*

III — O JULGAMENTO: — *Atque ita iniustā nece* (v 13).

Realmente a atmosfera desse verso 13 é a de um julgamento. É o adjetivo *iniustus* que a cria. Preso ao vocábulo *ius* (*direito*), *in+ius-tus* — com *in-* privativo — significa “o que não está conforme com o direito” La Fontaine também atinou para esse particular quase que explicando Fedro:

Là-dessus, au fond des forêts
Le loup l'emporte, et puis le mange
Sans autre forme de procès (39)

O resto do verso ou encarece essa mesma idéia ou mostra a pena cominada ao *agnus* pelo *lupus*, acusador e juiz ao mesmo tempo. A conjunção *atque*, mais do que ligar a segunda à terceira parte do apólogo, insiste sobre a seqüência de uma ação e a conseqüência de um modo de ser: “*e o que é mais*” (40). O advérbio *ita* (assim, nessas condições) acentua a forma de processo escolhida pelo lobo, que é nenhuma. Isso tendo em vista aquele rigor e formalismo tão próprio do sistema processual entre os romanos tanto no caso das *legis actiones* (*processo pelas ações da lei*), como no do *litigare per formulas* (*processo formular*) e no da *cognitio extra ordinem* (*processo fora do rito ordinário*) (41). Com efeito, não há aí menção de tribunal ne-

do sistema com base 10. Os ingleses, por exemplo, guardam até pouco tempo, na divisão da moeda deles, vestígios do sistema com base 12. Os números 3, 6, 12, aqui e ali, se revestiram de conotações mais ou menos cabalísticas. (Cf., a título de exemplo, CAT., *Carmen V*, vv. 7-9)

(39) — *Fables*, livr. I, 10, vv. 27-29.

(40). — É a primeira acepção em sentido próprio indicada por FARIA, Ernesto, *Dicionário escolar latino-português*, 4ª ed., Rio, MEC, 1967, sub *verbete*, p. 112, col. b. Aí cita-se TER., *Heaut.*, v. 763: *faciam... ac lubens* (*farei... e o que é mais, com prazer*)

(41). — CORREIA A. & SCIASCIA G., *Manual de direito romano*, Rio (GB), Livros, Cadernos Ltda., s/d, p. 76 sq.

nhum, de juiz nenhum (42), de etapas processuais nenhuma, pois que o *lupus* se arroga o direito de ser tudo isso ao mesmo tempo. Naturalmente, o que se segue é o resultado coerente com um julgamento de lobo: *correptum lacerat iniustā nece* (tendo arrebatado [o cordeiro], dilacera-o com morte violenta e ilegal).

De cada uma dessas palavras transpira violência, quando não ilegalidade. Voltemos a atenção apenas para *correptum* e *nece*, visto que o sentido de *lacerat* (*dilacera*) é translúcido e o adjetivo *iniustus* já foi considerado acima. *Correptum* (tendo arrebatado [o cordeiro].) — de *corripio* (agarrar com violência e sem deixar possibilidade de escapar) — a par da violência e, em razão da elipse da palavra *agnum*, da condenação sumária, sugere-nos um cenário transformado mais ainda. Realmente, o cordeiro não parece ter mais aí direito a ocupar lugar espacial algum. Trata-se então de uma violência dupla: uma que atinge o direito à vida, a outra que calca aos pés o direito de fazer valer a verdade. Ao mesmo tempo, *correptum* chama a pena: *nece* (morte violenta, assassinato). Esse vocábulo — diferente de *mors*, que se refere à morte em geral (43 — insiste no ponto de vista da violência e da legalidade, que essas andam não raramente de mãos dadas. O adjetivo *iniustā*, que com *nece* faz grupo, ajuda a pôr em realce essa mesma idéia. Enfim com a palavra *nece*, Fedro completa a cena que quis pintar: a prepotência do mais forte (44) para com aqueles que são incapazes de prejudicar a outrem, os *innocentes* (v. 15).

Assistimos assim a um julgamento realmente, todo ele cheio de irregularidades em que o juiz é, ao mesmo tempo, acusador, testemunha (45) e executor da pena. Julgamento de lobo, pois. Fedro atingiu plenamente, a nosso ver, os fins que se propôs na moral do apólogo (vv. 14-15). Para tanto lançou mão de vários recursos: disposição das palavras na frase, escolha criteriosa do vocabulário, antíteses, uso dos tempos verbais, atenuações da afirmação ou da negação, elementos fônicos vários.

Esses recursos contribuem para dar à fábula em questão aquela feição de estratégia de guerra tão consentâneo com o gênero. O próprio Fabulista, aliás, menos um gênero pacífico do que de ataque pre-

(42). — Cf., por exemplo, a *Fábula 10*, do livro I: *Lupus et vulpes iudice simio* (o lobo e a raposa, sendo juiz o macaco) em que pelo menos alguns desses elementos aparecem.

(43). — Cf. ERNOUT A., *Aspects du vocabulaire latin*, Paris, Klincksieck, 1954, p. 94-95: *nex, necis, f.*, mort donnée, meurtre (différent de *mors*, terme général, issu de *mor-ti-s*).

(44). — LA FONTAINE começa a fábula *Le Loup et l'Agneau* mais ou menos com essa mesma idéia:

La raison du plus fort est toujours la meilleure (*Fables*, Livr. I, 10, v. 1).

(45). — *Fab.*, Lib. II, *Epilogus*, vv. 17-18.

fere considerar o apólogo. Através dele, quem não é livre pode não só esconder o seu verdadeiro pensar acerca dos homens e dos seus atos como ainda vingar-se das injúrias e injustiças sofridas. Por isso, o Escritor tem a fábula como invenção da escravidão (46). Daí, o caráter de sátira de que se reveste, erigindo-se o Autor em justiceiro das suas personagens e em censor das ações delas. Mais do que provocar o riso, Fedro escolhe, apesar da promessa feita (47), admoestar os homens para que vivam uma vida sábia. No caso presente, dá às críticas, que faz contra as injustiças sofridas por parte de Sejano, um cunho de universalidade, desvinculando-as do seu caso pessoal (vv. 14-15). Enriqueceu assim o Fabulista a sua mensagem, dando-lhe dimensões realmente humanas. Com efeito, não é a opressão dos fracos pelos prepotentes uma situação possível sempre e onde quer que tenha havido dois homens juntos?

-
- (46). — *Fab.*, Lib. II, *Epilogus*, vv. 9-13:
Nunc fabularum cur sit inventum genus
Brevi docebo. Servitus obnoxia,
Quia quae volebat non audebat dicere,
Affectus proprios in fabellas transtulit
Calumniamque fictis elusit iocis.
(Agora por que foi inventado o gênero [da fábula]
Direi em poucas palavras. Porque a escravidão subjugada
Não ousava dizer o que queria,
Traduziu em fábulas os próprios sentimentos
E, inventando gracejos, zombou das ofensas [recebidas através de
falsas acusações].
- (47). — *Fab.*, Lib. I, *Prologus*, vv. 3-4:
Duplex libelli dos est risum movet
Et quod prudenti vitam consilio monet.
(A vantagem do livrinho é dupla: já porque move ao riso,
Já porque admoesta a viver uma vida sábia.).